

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a solid blue rectangular background.

O Papel da Mulher: Uma Perspectiva Histórica da Ótica Cristã [The Role of Women: A Historical Perspective of Christian Optics]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Fluck, Marlon Ronald
Publisher	FTL-B
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-07 12:47:43
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/191677

O PAPEL DA MULHER: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA ÓTICA CRISTÃ

Marlon Fluck

INTRODUÇÃO

“O papel da mulher; uma perspectiva histórica a partir da ótica do cristianismo”, esse é o tema que escolhemos para esse pequeno estudo. O tema pode soar como demais pomposo para esse nosso esforço, bastante artesanal por sinal, de buscar alguns referenciais cristãos para a abordagem da temática.

Partiremos do pressuposto de que cada fase da postura cristã frente a que papel a mulher deveria desempenhar deve ser interpretada e avaliada criticamente dentro do universo *conceptual em voga no momento*. Cada posicionamento tem um contexto sócio-cultural em que se constituiu. É por isso que partiremos da abordagem sobre o papel e conceituação da mulher dentro da cultura greco-romana, que era a determinante quando dos incílios do Cristianismo. Mencionaremos aí as concepções dos dois mais conhecidos filósofos helênicos. Em seguida, daremos uma olhada panorâmica naquilo que o Direito Romano menciona sobre o assunto no período imediatamente anterior ao surgimento do Cristianismo. Julgamos isso relevante por entendermos o direito como a legitimação daquilo que, via de regra, se pratica. Na sequência, abordaremos as concepções do Mitráismo sobre o assunto em questão, visto ter essa corrente mítica-religiosa sido a maior concorrente do Cristianismo nos primeiros quatro séculos de sua existência.

Isto visto, passaremos à análise do Gnosticismo com sua concepção de que a matéria não procede do Deus bondoso. Como se entende que a materialização das almas (encarnação ou nascimento biológico) se dá através da mediação da mulher, isso repercutirá, certamente, sobre a valorização que se fará

—
dela. O Cristianismo não fugirá do diálogo com essas concepções visto que o Gnosticismo produzirá versões sincretizadas com o Cristianismo. Dentro do Cristianismo surgiu também o movimento chamado Montanismo, onde as mulheres desempenharam, pelo menos em seus primeiros momentos, papéis idênticos aos dos homens. No entanto, isso será contraproducente para a conquista maior de espaço para a mulher no desempenho de ofícios sacerdotais, visto que faltar-lhe-á sobriedade em seus experimentos. Com estes dois movimentos perceberemos a forma de relação que desenvolver-se-á frente à sexualidade e maternidade.

Chegando ao desfecho dos assuntos acima descritos, passaremos ao segundo capítulo, onde queremos falar sobre o papel da mulher no decorrer da história do Cristianismo. Nosso alvo é o resgate de experiências históricas cristãs que tenham alguma relevância para entendermos a situação hodierna. Perceberemos a forma igualitária entre os sexos no que respeita à sua constituição. Daremos alguns vislumbres acerca do papel desempenhado pela mulher na expansão do Cristianismo, também para fora do seu contexto original judaico ou greco-romano. Queremos apresentar também uma tentativa de interpretação honesta de um texto bíblico de difícil entendimento e que tem sido usado muitas vezes como meio de opressão da mulher e como argumento para que ela não desempenhe qualquer cargo relevante a nível eclesial. Veremos em Clotilde o quanto uma mulher pode influenciar a vida de um rei, nesse caso o dos francos sálicos. Falaremos um pouco sobre uma escola feminina erudita, coordenada pelo mais conceituado dos teólogos latinos.

Perceberemos, por outro lado, que o espaço para a atuação da mulher na história cristã ocidental sofre oscilações. Entre os séculos X e XIII experimenta certo apogeu. Nos séculos XIV e XV perceber-se-á um retrocesso. Do século XVII ao XIX, haverá retração da atuação da mulher, fato esse que coincidirá com o avanço da influência da burguesia histórica. O resultado disso será uma confinação da mulher ao papel de dona de casa. No século XX, no rastro dos movimentos de libertação feministas, perceber-se-á o ressurgimento da mulher na vida social, num sentido irrestrito.

Mencionaremos, a título informativo, a experiência Quaker, movimento religioso em que se concede igualdade comple-

ta a ambos os sexos no desempenho de toda e qualquer atividade. Como desfecho desse trabalho, apresentaremos alguns comentários conclusivos, visando estabelecer alguns parâmetros para futuras pesquisas sobre o tema. O desafio desse tema apresenta-se bastante vasto e cheio de surpresas. Espero que essa pequena contribuição para a discussão, que agora apresento, estabeleça uma nova possibilidade de leitura da história, bem como produza a desmitologização de algumas posturas que se arrogam ao direito de terem “redescoberto a roda”. Penso ser essa a grande contribuição da história: Tornar-nos mais humildes em nossas asseverações, bem como levar-nos a um maior respeito na análise de outros tempos. Por outro lado, nosso desejo é que o olhar para o passado nos projete para o futuro, conduzindo a aqueles que ainda se consideram cristãos, entre os quais o autor desse opúsculo se inclui, a uma ação mais coerente com aquele respeito que o próprio Jesus Cristo teve para com a dignidade da mulher.

I. O PAPEL DA MULHER NA CULTURA GRECO-ROMANA

Antes de falarmos sobre o papel da mulher na história a partir da ótica cristã, é importante, a bem de justiça, comentarmos sobre como ele era entendido no contexto em que o Cristianismo se inseriu: a cultura greco-romana. É frente a esse contexto cultural que o cristianismo desenvolveu sua abordagem específica.

1. Cultura Grega

Platão deixa claro seu conceito sobre a mulher quando fala da libertação da alma da prisão do corpo. Ele sugere então que “o destino de um homem mau seria a reencarnação em uma mulher”¹. Aristóteles, por outro lado, entendera as mulheres como “machos imperfeitos, produzidos acidentalmente por insuficiência paterna ou pela insuficiência nociva do vento úmido do sul”².

2. O Direito Romano

Todo o fundamento da sociedade romana residia na autoridade do pai de família. Ele era “o único cidadão total, proprie-

tário, chefe militar e sacerdote”³. O lar e a cidade baseavam-se em sua pessoa. O especialista em direito romano tem dito que:

“Sem exagero nem paradoxo, a mulher em Roma não era sujeito de direito (...) A sua condição pessoal, as relações com os parentes ou o marido são da competência da *'domus'*, onde o pai, o sogro ou o marido são os chefes todo-poderosos (...) A mulher é unicamente um objeto.”⁴

Isso vai se refletir também na vida política, visto que aí a mulher não virá a exercer nenhum papel oficial. Na administração será também completamente ausente. Ela pode sentar-se nas festas, espetáculos e banquetes, quando na época o costume é de que se coma deitado, o que indica que tinha de se abster da ingestão de qualquer coisa servida.

O pai é quem possui o direito de vida ou de morte sobre os filhos. “Em caso de adultério, só ele tem o direito de matar a filha infiel, tendo o esposo apenas o direito de matar o cúmplice”⁵. O poder paterno sobre a família era tão grande que:

“Se o pai devia conservar os filhos à nascença, por causa das necessidades militares (salvo se eram defeituosos ou julgados muito fracos), em geral guardava apenas uma filha, a mais velha; numa família romana só excepcionalmente vemos mencionadas duas filhas. É significativo que cada rapaz receba um *'praenomen'* (nome próprio), marca de personalidade que o distingue dos irmãos, enquanto a rapariga, geralmente a mais velha, possui apenas um nome de família, o da família paterna (...) Portanto, a filha não possui nome pessoal, apenas o do pai.”⁶

É exatamente a nível de configuração do Direito Romano que perceber-se-ão mudanças significativas a partir da influência do cristianismo primitivo. Apesar de existir muitas controvérsias sobre o assunto, há um reconhecimento de que o campo em que o cristianismo mais fortemente influenciou o Direito Romano foi no do direito da família⁷.

3. O Mitraísmo

O Mitraísmo constituía-se em uma religião indo-iraniana, trazida da Pérsia pelos romanos, cuja prática visava a sincretização de cultura e religião dos povos que dominava pelo poder das armas. O Mitraísmo espalhou-se pelas regiões mais afastadas do Império. Sincretizou-se com o culto ao “Sol Invicto”. Sob Aure-

liano (270-275) veio a tornar-se a religião oficial do Império. Traços desse culto percebemos ainda na lingüística anglo e teuta, visto que se anuncia o domingo como "Sun-day" e "Sonntag", literalmente significando "dia do sol", dia reservado à adoração do "Sol Invicto" ou "Mitra". O domingo entrou como feriado pela primeira vez devido a esse culto. Esse culto religioso constituiu-se no maior desafio ao Cristianismo nos primeiros quatro séculos da era cristã. Será o grande concorrente do Cristianismo. Havia muitas outras analogias entre ambas religiões, que não estão dentro do propósito de nosso trabalho descrevê-las no momento⁸.

Como elemento constitutivo dessa religião percebe-se que Mitras é descrito como uma divindade marcadamente viril: Ele era um deus-soldado. Não é por acaso que as legiões romanas cultuavam-no. Diante dessa divindade virilizante e bélica é que o Cristianismo ter-se-á de posicionar em seu período inicial. Geralmente, aquilo contra o que alguém tem de combater por muito tempo vai, consciente ou inconscientemente, também introjetando-se na forma de ser daquele que se opõem.

Não nos impressiona que Celso, preocupadíssimo com a propagação do Cristianismo, que ninguém conseguia conter, tenha escrito contra o mesmo e tenha tentando denegrir a pessoa de Jesus, dizendo que Ele provém:

"de uma aldeia que nem sequer é helênica e de uma nação que não tem dignidade entre as gentes; (...) Jesus, a quem se quer difamar de ser filho de uma mulher pobre, que ganhava a vida fiando, e de haver tido que abandonar por pobreza sua pátria e se posto a trabalhar como diarista no Egito (...)".⁹

Celso ainda acrescenta que Jesus foi o fruto do fato de Maria, sua mãe, ter adulterado com um soldado.¹⁰ Celso caracteriza o cristianismo como agrupamento composto por escravos, crianças e mulheres de não boa reputação.¹¹ Há da parte de Celso o intento de mostrar que um movimento desse tipo não podia angariar a adesão dos romanos da forma em que estava acontecendo. O cristianismo depara-se, portanto, com uma apologética que argumenta pelo lado da posse da virilidade. Diante disso, Orígenes, apologeta cristão, responde-lhe:

"(...) esse teu Hesíodo (...) disse em forma mítica, acerca da mulher, que havia sido dada por Zeus aos homens como uma calamidade, pelo preço do fogo (Hesíodo ... Frgs 57).¹²

A mulher foi descrita por Hesíodo como “grande desastre para os homens industriais”¹³, o qual ainda acrescenta:

“Pois o gênero humano vivia antes na terra, sem males, sem trabalho doloroso, sem as graves doenças que a morte acarretam aos homens; mas as **mãos da mulher tiraram a grande tampa do tonel, saiu tudo e aos homens calamidades mil assim lhes trouxe**”¹⁴

4. O Gnosticismo

O Gnosticismo assumiu, no decorrer da história, várias matizes. Era um movimento sincrético, sendo que o principal problema que queria solucionar é: “Como se acha o verdadeiro conhecimento (gnose) que esclareça o enigma do mal no mundo, assim como o enigma da existência humana?”¹⁵ O Gnosticismo se caracteriza doutrinariamente por um forte dualismo em que se contrasta luz e trevas, bem e mal. O responsável pelo mundo material (segundo o Antigo Testamento: o Deus Criador) é visto como *demiurgo* que não conhece a luz. Tal concepção está intimamente vinculada à teoria platônica da queda da alma, sendo que, em decorrência dessa, a alma passou a ser aprisionada no cárcere chamado corpo (ou matéria). O mundo da matéria é visto como mau.

Por isso, o “criador”, do qual tanto fala o Antigo Testamento (na Bíblia), não pode ser o Deus bondoso (Pai de Jesus Cristo), mas somente o ser inferior, chamado *demiurgo*.

Nesse contexto, a gnose dá acesso ao mundo real das idéias e liberta da inferioridade da matéria. Só um grupo especial de pessoas terá acesso aos mistérios da gnose: os iniciados.

Naturalmente, a concepção que o gnosticismo tem da matéria irá repercutir sobre a forma de entender a mulher, instrumento privilegiado no processo de materialização das almas. Marcião (81-160 a.D.), líder mais conhecido do movimento sincrético do gnosticismo e cristianismo (segunda fase do movimento global), condena abertamente matrimônio e procriação, o que é considerado como indecência, sendo que, falando desse último, ele dirá que “entre fezes e urinas nascemos”¹⁶. O problema vai eclodir quando aplicam-se esses conceitos à integração da figura de Jesus de Naza-

ré, que o Cristianismo anuncia como sendo Deus assumindo a forma humana, encarnando-se no mais amplo sentido.

O MONTANISMO

No final do reinado de Antonino Pio (138-161 a.D.) e no período de Marco Aurélio (161-180 a.D.), viveu-se um período de incidência de peste, de guerras e de miséria social. Em meio a essa ebulição, surge a figura de Montano. Tendo sido sacerdote das religiões existentes na Ásia Menor, adere ao cristianismo por volta de ano 155 a.D. Ele logo tem experiências extáticas, passando à prática da *glossolalia*. Logo aderem às suas concepções e prática duas mulheres, Maximila e Priscila. O trio passa a anunciar que:

“o fim do mundo está próximo. Ainda antes de suas mortes, ele haveria de vir. Haveria um período de guerras e tumultos, sendo que então desceria a Jerusalém milenar dos céus e, em verdade, não na Palestina, mas na Ásia Menor. Os crentes deveriam vir conjuntamente a Pepuza (ou Tynion, ambas cidades pequenas da Frígia) e aí esperar o tempo do fim.”¹⁷

As profecias de Montano causaram grande impacto, a começar por Priscila e Maximila que, imediatamente abandonaram seus maridos para esperar a concretização da utopia apocalíptica. Elas, em estado de êxtase, passaram a também apresentar suas profecias.

O Montanismo passou a exigir renúncia ao matrimônio, visto que esse “era, a seus olhos, o que mais fortemente prende a este mundo”¹⁸. Maximila anunciou em um êxtase: “Depois de mim não virá nenhum profeta, senão a consumação do fim”¹⁹. Como ela morreu em 179 a.D., sem que chegassem a concretização da hecatombe predita, o movimento passou a experimentar descrédito. Da mesma forma, a experiência de um movimento em que havia mulheres profetizas em pé de igualdade com o líder masculino, produziu, ao seu ver, desconfiança por sobre outros intentos de liderança feminina de ponta, como, por exemplo, na constituição dos conselhos de presbíteros, liderança máxima nas igrejas locais.

II. O PAPEL DA MULHER NO CRISTIANISMO HISTÓRICO

Tendo o cristianismo vínculos de origens com o judaísmo, enfatizou-se igualmente o fato de que não há desigualdade constitutiva na formação de homem e mulher. Ambos são feitos como “imagem de Deus”. Em termos valorativos não se pode advogar desigualdade, apesar de que em termos de missão específica entende-se que há distinções (p.ex. o homem não teria condições, de acordo com o cristianismo primitivo, de desempenhar a ‘missão de mãe’, conforme I Tm 2:15, missão essa altamente valorizada, ao contrário do que se vê nos movimentos montanista e gnóstico, mesmo em suas alternativas denominadas cristãs). A procriação não foi vista como ‘fruto do pecado’, pensamento que posteriormente popularizou-se. Havia espaço para a valorização da sexualidade como fonte de prazer e não apenas de procriação, seguindo a visão dos textos bíblicos de Provérbios 5:15-20 e Cantares.

Inclusive na forma de falar de Deus, percebe-se que se faz uso de imagens masculinas bem como femininas para expressar a forma de Deus manifestar-se aos seres humanos.

Jesus Cristo acentuou a igualdade entre o masculino e o feminino. Ele conversou publicamente com as mulheres, inclusive aquelas tidas por “pecadoras” (no sentido de mau uso da sexualidade: adúlteras e prostitutas).

“Nesse caso, um homem judeu teria proibido uma mulher de falar-lhe na rua, mesmo que se tratasse de sua própria mulher, filha ou irmã. Ademais, considerava-se como um fato ímpio ensinar a lei a uma mulher; segundo o Talmud, seria melhor queimar as palavras da lei que confiá-las a uma mulher. Porém, Jesus quebrou essas normas e convenções da tradição. Quando Maria de Betânia sentou-se a seus pés para escutar seus ensinamentos, ele a felicitou por fazer o que era necessário, e a outra Maria deu a honra de ser primeira testemunha da Ressurreição. De tudo isso não existiam precedentes.”²⁰

Na época apostólica, a mulher desempenhará um papel de relevância na expansão da igreja. Em sua carta aos Romanos, no capítulo 16, Paulo cita vários nomes de mulheres que tinham igrejas funcionando em suas casas, bem como se menciona uma “apóstola”.

A igreja que Paulo cria em Filipos, inicia-se, provavelmente em torno de Lídia, vendedora de púrpura, única pessoa que poder-se-ia qualificar como psiquicamente equilibrada dentre as três que aceitaram a boa notícia de que há uma vida nova para aquela pessoa que entrega sua vida a Jesus Cristo e recebe-o como Salvador (os outros dois mencionados são uma jovem escrava que dedicava-se à adivinhação e um carcereiro suicida). Aquela igreja caracterizou-se como possuidora de forte liderança feminina (isso vê-se, entre outras coisas, na exortação a que duas líderes passem a pensar mais em concordância em vez de anularem-se através da discórdia, como se lê em Fil. 4:2).

O texto difícil encontrado em I Cor 14:34 a 36, onde nos é dito: “Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar, mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seus próprios maridos; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja”, deve ser entendido dentro do seu contexto imediato de toda a carta do apóstolo, onde se percebe uma abordagem acerca da liturgia do culto público, e em especial a parte desse em que os profetas falavam e a sua mensagem era julgada para ver se procedia de Deus ou não (ou seja, se estava conforme a mensagem até então conhecida do evangelho de Jesus Cristo ou não). Nesta parte do culto todo visitante podia falar quando se apresentava como cristão e trazendo uma mensagem da igreja de outra localidade. No momento em que a mensagem era julgada - discernida - geralmente ocorriam muitos conflitos verbais, porque aos falsos profetas não se permitia que continuassem a fala. A meu ver, esse período era aquele em que não se permitia que a mulher falasse, visto que a ela era possibilitado falar em outros momentos, de acordo com o que está escrito em I Cor 11:5. No momento em que a palavra de um era contraposta à de outrem, aí a mulher deveria abster-se da fala, visto que, naquele contexto cultural (Corinto era centro cultural helênico de destaque), isso significa que sua colocação embasada na mensagem evangélica seria desprezada, sendo que o que sairia perdendo, na verdade, seria a própria causa evangélica.

A aplicação de textos bíblicos como esse diretamente a outros contextos, sem o devido exercício hermenêutico, poderia

levar a aberrações. Uma situação muito distinta viveu o cristianismo quando expandiu-se para fora do contexto político-cultural do império romano. Percebe-se claramente essa diferença, por exemplo, na experiência de Clóvis, rei dos Franco-Sálicos. A tentativa de evangelização do povo franco já estava se desenrolando há quase um século, sem haver, no entanto, um grande sucesso. Clóvis casa-se, então com Clotilde, cristã convicta. Diante da adoração a outros deuses Clóvis ouve de Clotilde um arrazoado que nada tem a ver com um silenciar subsserviente:

“os deuses que vós venerais não são nada, incapazes que são de se valerem a si próprios ou de prover às necessidades de outrem. São ídolos de madeira, de pedra ou de metal... São mágicos, o seu poder não é de origem divina. O Deus a quem é necessário prestar culto é aquele cuja palavra retirou do nada o céu, a terra e tudo o que eles contêm... e é por efeito de sua vontade que os campos produzem as suas colheitas, as árvores os frutos, as vinhas as uvas; pela sua mão foi criado o gênero humano. Graças à sua liberalidade, toda a criação está ao serviço do homem, lhe está submetida e o cumula de benefícios.”²¹

Anos mais tarde, Clóvis, estimulado pelo estilo de vida e pelo testemunho verbal de sua esposa, invocará o “Deus de Clotilde”, marcando esse passo, na virada do século V para o VI, o início da expansão efetiva do Cristianismo entre os francos.

Sublinha-se, fora do ambiente cultural grego-romano:

“o papel ativo que as mulheres tiveram no domínio da evangelização, numa época em que o Ocidente hesita entre paganismo, arianismo e fé cristã.”²²

Há uma série de povos bárbaros em que a propagação do Cristianismo deu-se pela influência das mulheres.²³

Papel de destaque desempenharão mulheres na escola de Sofrônio Eusébio Jerônimo, nome conhecido por ter sido o responsável pela tradução dos livros bíblicos do hebraico e grego para o latim, produzindo assim a versão bíblica chamada “Vulgata”, até hoje considerada a Bíblia oficial do Catolicismo Romano.

Quando trabalhava em Roma, onde atuava como secretário do Papa Dâmaso, tornou-se mestre de exegese bíblica de um grupo de senhoras pertencentes à alta aristocracia romana, destacando-se entre essa, Marcela, Paula e sua filha Eustóquia. A

crítica de Jerônimo ao estilo de vida dos clérigos de Roma trouxe sobre ele o ódio de vários. Com a morte deste Papa e a eleição de Serício, em 385, Jerônimo teve que retirar-se dali. Com o auxílio daquelas senhoras contrói um mosteiro para homens, três para mulheres e um albergue para peregrinos. Ele continua a ser mestre daquelas senhoras aristocratas, sendo que algumas delas vão fazer parte de sua equipe de tradução bíblica das línguas originais para o latim.

"Ele sabia por experiência que as mulheres são tão capazes quanto o homem para os estudos, e indicava às suas dirigidas um programa de leituras que podia ser recomendado a qualquer intelectual do seu tempo ou de nossa época"²⁴.

Ele estimula suas discípulas a ensinarem suas filhas desde cedo, quando ainda no colo da mãe. Ele aconselha que, no ensino das crianças, "é preciso fazer com que ela goste daquilo que é levada a recitar, para que isso não seja trabalho, mas prazer, não seja necessidade, mas vontade"²⁵. Em carta a outra mãe diz que devia ensinar diariamente à sua filhinha porções bíblicas em língua grega, e a isso deve seguir-se a instrução latina, para que se acostume cedo com os acentos estranhos do idioma estrangeiro. Nesse estudo, mãe e filha devem ser mestras.²⁶

Jerônimo, considerado o "mais erudito dos Padres Latinos da igreja"²⁷, valorizou o ensino feminino, sabendo-se hoje, inclusive, que algumas de suas discípulas tornaram-se mais capacitadas que ele na arte de pronunciar e traduzir. Este tipo de experiência de ensino às mulheres divisa-se no decorrer da história da Igreja até o surgimento do Renascimento e das Universidades, quando então passa-se a preferir:

"Que se ensinem às raparigas as tarefas domésticas, fazer o pão, limpar um chapéu, fazer manteiga, cozinhar, as lavagens e as camas, fiar e tecer, bordar com a agulha, etc (...) desde esta época que a mentalidade mudou e a influência da universalidade, nomeadamente, se faz sentir neste domínio. A instrução tornar-se-á cada vez mais apanágio dos homens"²⁸.

O que se sabe é que "na Idade Média, as mulheres liam mais que os homens"²⁹. Elas, "não se contentavam apenas com a leitura, escreviam com frequência, e os manuscritos que testemunham o saber da época foram muitas vezes copiados por mãos femininas"³⁰. Sabe-se, por exemplo, que, "os poetas do século XII elogiaram muitas vezes as qualidades intelectuais

das mulheres que os rodearam”³¹. As constatações acima descritas levam a concordar com Pernoud, quando afirma que entre o século X e o fim do século XIII encontra-se o apogeu da participação feminina na sociedade e na intelectualidade:

“as mulheres exercem então, incontestavelmente, uma influência que não obtiveram nem as bonitas mulheres de Fronda no século XVII, nem as severas anarquistas do século XIX.

Esta influência decresce manifestamente durante os dois séculos seguintes, para os quais reservo a designação de tempos medievais. Os séculos XIV e XV apresentam, com efeito, uma idade “média”, no decurso da qual a mentalidade muda especialmente no que respeita à mulher.

E a roda da fortuna não tarda a arrastá-la para um eclipse, de que apenas emerge de novo no século XX”³².

A especialista mencionada, a partir de seus estudos, percebe-se de que,

“o lugar da mulher no seio da sociedade parecia diminuir lentamente na proporção em que o poderio do burguês se afirmava, se fortalecia, em que associava ao poder econômico e administrativo, o poder político”³³.

Infelizmente, no que diz respeito à possibilidade da existência de uma participação feminina efetiva nos cargos de liderança eclesiástica, percebe-se que os avanços tidos no que respeita ao acesso à cultura não refletiram proporcionalmente. Como os cargos sacerdotais (pressupostos como via de acesso à hierarquia eclesial) implicavam em administração de sacramentos, elas foram excluídas dessa possibilidade pelo fato de que se considerava a menstruação como algo que tornava a mulher impura para a distribuição dos mesmos, sendo que, assim, não teriam condições de manter uma atividade sacerdotal contínua³⁴. As mulheres tiveram, portanto, até o século XVII suas atividades de liderança restritas a tudo aquilo que não as tornassem a liderança de ponta.

Essa negativa de uma possibilidade de acesso da mulher à liderança eclesiástica pelas informações que tenho, foi suplantada pela primeira vez com o surgimento do movimento espiritualista inglês chamado “Quaker” (século XVII). Comentando a experiência deles, um renomado historiador eclesiástico nos diz que:

“Posto que Foxe os seus criam que toda estrutura no culto podia ser um obstáculo à obra do Espírito o culto dos amigos se celebrava em silêncio. Se alguém se sentia chamado a falar ou orar, o fazia. Quando o Espírito as impulsionava, **as mulheres tinham tanto o direito de falar ou orar em voz alta como os homens.** (...) De igual modo, os quakers não criam nos sacramentos, pois diziam que a água do batismo, e o pão e o vinho da comunhão, faziam a atenção centralizar-se sobre o material, ocultando a Deus em lugar de revelá-lo”³⁵.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Creio que já foi possível perceber, conclusivamente, que todo e qualquer movimento histórico tem que ser avaliado dentro do universo conceptual em que surgiu. A origem e desenvolvimento da postura cristã frente à temática do papel da mulher não escapa dessa constatação.

Percebo, outrossim, que há uma grande necessidade que se resgate a experiência tida pelo cristianismo no que respeita à nossa temática. Muitas vezes, parte-se para a leitura preconceituosa da axiologia cristã, exatamente por não se perceber as variações que se deram sobre o assunto no decorrer da história. Aí está, portanto, uma longa agenda para os pesquisadores sérios da história.

Constatei, em contraste com o Direito Romano, que o cristianismo sempre primou pelo direito à vida como algo inalienável da mulher. Ao mesmo tempo, percebo que as filhas no lar cristão possuem nome próprio. O judaico-cristianismo, sempre primou por acentuar a igualdade constitutiva entre homem e mulher: ambos são feitos da mesma substância e têm direito à mesma excelência de vida. O matrimônio e a procriação são defendidos como coisas belas e não como desgraça (como se vê no gnosticismo e montanismo). Homem e mulher é para viverem em complementariedade e companheirismo. Cristo, por sinal, rompeu com os mais arraigados preconceitos discriminatórios à mulher existente em sua época.

Percebemos, por outro lado, o papel preponderante das mulheres na propagação do cristianismo. Elas foram dignificadoras do cristianismo em resultado da dignificação que receberam a partir do conhecimento de Jesus Cristo como o Salvador e o amigo. Em contraste com as posições de Celso, percebemos

que Jesus não desprezou as mulheres pobres, bem como a igreja em seu início também não o fez.

No entanto, nós vivemos bem em outro contexto de herança cultural. O que significa ser cristão hoje à luz da experiência histórica do cristianismo bem como do próprio Jesus de Nazaré? Penso que o cristianismo questiona nossa cultura. Às mulheres deveriam ser dadas as mesmas condições de ensino que os homens recebem, em especial nas camadas médias e pobres de nossa população. O mesmo dever-se-ia aplicar às possibilidades de remuneração salarial.

Nós percebemos que foi a universidade que transferiu a posse da cultura, das mulheres para os homens. Como a Universidade brasileira tem trabalhado este dado?

Gostaria de apontar aqui para alguns campos da história do cristianismo em que valeria à pena concentrar nossas pesquisas futuras. A igreja teve, no passado, aquilo que se usa chamar de "doutoras da igreja" (Teresa de Ávila, Teresa de Jesus, Catarina de Siena, Clara de Assis). Por que o catolicismo abandonou essa prática de ter grandes mulheres na ponta das descobertas teológico-intelectuais? No lado protestante, temos no Exército da Salvação, bem como na igreja do Evangelho Quadrangular (um ramo pentecostal), experiência de instituições em que, desde o princípio, as mulheres desempenharam as mesmas funções que os homens. Mereciam ser melhor estudadas a partir dessa ótica.

Já há um avanço de várias denominações brasileiras no que diz respeito à igualdade absoluta de direitos entre homens e mulheres. Como vencer, então, aquilo que existe ainda de resistência na hora da prática dos princípios? Penso que essas são questões que devem continuar nos inquietando...

NOTAS

1. STOTT, John. *La fe cristiana frente a los desafíos contemporáneos*. B. Aires/Grand Rapids, Nueva Creacion/Eerdmans, 1991. p.274.

2. ARISTÓTELES, *apud* Id., *ibid.*, p.274.

3. PERNOUD, Régine. *A mulher no Tempo das Catedrais*. Lisboa, Gradiva, 1984. (Coleção "Construir o passado", 7) p. 22.

4. VILLERS, Robert. *apud* Id., *ibid.*, p.19

5. Id. *ibid.* p.19.

6. Id. *ibid.* 21s.

7. ALVES, José Carlos Morcira, **Direito Romano**, 5ª ed. Rio de Janeiro, Forense, 1983. v.1. p. 61s. Para perceber as influências do Cristianismo em outras áreas do direito romano, veja-se Régine PERNOUD, op. cit., p.27.

8. Para mais detalhes, ver FLUCK, Marlon Ronald. **História da Igreja Primitiva** (apostila). p.14.

9. ORIGENES, **Contra Celso**. Madrid, Editorial Católica, 1967. (Biblioteca de Autores Cristãos,). p.65s.

10. Cf. Id. ibid. p.68.

11. Cf. Id. ibid. p.217, 219.

12. Id. ibid. p.275.

13. HESÍODO, *apud* Id. ibid. p.276.

14. HESÍODO *apud* Id. ibid. p.276.

15. BAUS, Klaus **De la iglesia primitiva a los comienzos de la gran iglesia**. in SEDIN, Hubert. Ed. **Manual de história de la iglesia** Barcelona, Herder, 1980.

16. Maracião, *Apud* DREHER, Martin Noberto **A igreja no Império Romano**. São Leopoldo, Faculdade de Teologia, 1983. p. 47.

17. ALAND, Kurt. **Kirchengeschichte in lebensbildern**. Berlin, Verlage "Die kirche", 1953. v. 1. p. 86.

18. BAUS, Klaus. op. cit. p.306.

19. *Apud* id. ibid. p. 307.

20. STOTT, John - op. cit. p.280.

21. PERNOUD, Régine op.cit. p.14.

22. Id., ibid. p.17.

23. Vários casos são mencionados em Id., ibid., p.18.

24. NUNES, Ruy A. da Costa **A história da educação na antiguidade Cristã**; o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo. São Paulo, EPU-EDUSP, 1978. p. 184. Foi com Paula, *expert* em hebraico que ele "discutiu os problemas exegéticos do hebraico e juntos cantavam salmos no original". ROOY, Sidney. El rol de la mujer en la historia de la iglesia. **Encuentro y diálogo**. Buenos Aires (8): 29; 1980.

25. NUNES, R.A. da Costa. op. cit., p. 185.

26. Id., ibid., p.182.

27. ALTANER, B. e STUIBER, A. **Patrologia**; Vida, obras e doutrinas dos padres da Igreja. São Paulo, Ed. Paulinas, 1988. p.396.

28. PERNOUD, Régine. op. cit., p. 69.

29. BARTSCH, K. *apud* Id. ibid. p.61.

30. Id., ibid., p. 61s.

31. Id., ibid., p. 60.

32. Id., ibid., p. 8.

33. Id., ibid., p. 7.

34. Cf. ROOY, Sidney. op. cit., p.28.

35. GONZALEZ, Justo L. **A era dos Dogmas e das Dúvidas: Uma História Ilustrada do Cristianismo**. vol. 8. São Paulo, Vida Nova, p.149.